

## ÁREAS ARQUEOLÓGICAS DO LITORAL E DO PLANALTO DO BRASIL

Pedro Ignácio Schmitz\*

SCHMITZ, P. I. Áreas arqueológicas do Litoral e do Planalto do Brasil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 1:3-20, 1991.

**RESUMO:** Áreas arqueológicas do Litoral e do Planalto do Brasil registra a distribuição espacial das configurações culturais pré-históricas usualmente organizadas sob a denominação de tradições tecnológicas ou culturais, destacando a freqüente coextensão com regiões geobiológicas e chamando a atenção para o dinamismo existente no interior de cada uma das regiões e nas suas respectivas fronteiras.

**UNITERMOS:** Arqueologia brasileira. Áreas culturais. Tradições tecnológicas.

### Introdução

Na organização das informações já disponíveis para a história do povoamento indígena do Brasil uma estratégia comum tem sido a utilização do conceito de tradições tecnológicas e/ou culturais para os fenômenos mais abrangentes e a utilização de conceitos como fases, estilos, fácies, para divisões menores (Brochado e outros, 1969; Simões, 1972; Schmitz, Barbosa, Ribeiro, eds., 1981; Schmitz, 1984). Em si estes conceitos não incluem uma visão espacial, ou ecológica. Mas a distribuição no espaço dos fenômenos assim organizados se apresenta cada vez mais intrigante, mostrando coincidências territoriais e ambientais, que pedem registro e análise. Alguns desses estudos já existem e podem ser lembrados, como o de Schmitz (1978) para o sul do Brasil, depois retomado em maior profundidade por Kern (1981); mais trabalhados são os de Brochado para o Tupiguarani (1973ab) e para as cerâmicas do leste da América do Sul (1984). Aqui nos propomos a continuar este exercício de reflexão e aperfeiçoando informações anteriores e buscando acrescentar outras, até agora não incluídas.

A organização proposta não parece ter nenhum valor intrínseco, porque os dados que manejamos foram organizados segundo critérios diferentes, muitas vezes imprecisos e sempre insuficientes. Mesmo que as informações fossem mais precisas e abundantes e o quadro resultante mais confiável, ainda estaríamos registrando o fenômeno e não sua explicação. Para chegarmos a esta, precisamos antes de mais nada pensar os problemas, formular as hipóteses correspondentes dentro de alguma teoria e buscar um método adequado para testá-las.

De maneira como o quadro se apresenta agora vemos: 1º) marcadas homogeneidades tecnológicas e/ou culturais que coincidem com largas extensões geobiológicas parecendo as fronteiras culturais coincidir com os limites dessas regiões naturais como se houvesse uma forte tendência adaptativa das populações; 2º) que os primeiros "sistemas adaptativos" são substituídos por outros "progressistas" com relação aos anteriores, criados em consequência de reformulações internas, mais freqüentemente de estímulos externos ou migrações populacionais, ligados ao desenvolvimento geobiológico e cultural do continente, de modo que, se por um lado temos uma justaposição espacial de sistemas adaptativos, classificáveis em termos

(\*) Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS. Bolsista do CNPq.

dos diferentes suportes ambientais, temos, por outro, uma sucessão temporal de tecnologias adaptativas, classificáveis em termos de etapas evolutivas culturais de caráter ao menos continental.

Foi sugerido em momento anterior (Schmitz e outros, eds., 1981) que as primeiras etapas tecnológicas na área examinada apresentariam ajustamentos ambientais menos especializados, permitindo a exploração de ambientes com certa diversificação em grandes extensões e que haveria um maior ajuste tecnológico através do tempo, restringindo com isso a área de utilização ótima do ambiente, diversificando os grupos.

Desta maneira podemos pensar as culturas da área por um lado enquanto buscam ajustar-se a um meio espacialmente diversificado e temporalmente dinâmico e por outro lado enquanto respondem a estímulos de culturas mais ou diversamente adaptadas. É o que tentaremos.

O que conseguimos, em parte não é novo e mesmo a tectura final é frouxa e apenas indicativa.

Dividimos a apresentação em duas grandes áreas: a subtropical e a das savanas tropicais.

## A área subtropical

Esta abrange a região dos campos, e da Floresta Subcaducifólia Subtropical com Araucária, a da Floresta Subcaducifólia Tropical e Subtropical e a da Vegetação Litorânea (ver mapa).

### 1. A região dos campos

Os campos ocupam, por um lado, as altitudes menores e, por outro, as mais altas do extremo-sul do país. Podem ser limpos, ou conter formações de parques, bosques isolados (capões) ou formações de galeria ao longo de cursos d'água.

Os recursos de caça podem ser até abundantes em animais terrestres e aquáticos, os peixes nas lagoas litorâneas oferecem no período quente do ano um rico abastecimento, os frutos proporcionam a menor contribuição alimentar, mas não são desprezíveis.

As rochas para a produção de artefatos lascados ou polidos são variadas e de má qualidade no Escudo Cristalino. No Planalto basáltico, na sua borda e nos vales sedimentares temos basaltos, riolitos, arenitos silicificados e calcedônias, alguns de boa qualidade para lascas e outros para polir.

Solos bons para cultivos tradicionais por técnicas indígenas são muito escassos.

Através do Holoceno os campos aparentemente mantiveram suas características gerais, com maior ou menor desenvolvimento das manchas de vegetação arbustiva ou arbórea.

Do final do Pleistoceno até o Holoceno recente a vida das populações indígenas é de caçadores, usando uma indústria lítica na qual sobressaem as pontas de projétil; ao redor do começo de nossa era aparecem claros fenômenos neolíticos, em especial a cerâmica, aparentemente agregada a uma indústria pré-existente de caçadores, cujas atividades gerais parece não modificar.

As indústrias líticas pré-cerâmicas podem ser reunidas numa única tradição, chamada Umbu, com numerosas fases, as mais antigas das quais são a Uruguai, no sudoeste do Rio Grande do Sul (11.500 a 8.500 A.P.), a fase Vinitu, no sudoeste do Paraná (estimativa: entre 8.000 e 7.000 A.P.), a fase Itaguaí, no norte do Paraná (mais de 8.000 A.P.), a fase Capivara, no nordeste do Rio Grande do Sul (estimativa: 10.000 a 8.000 A.P.), a fase Umbu, começando ao redor de 6.000 A.P., e a fase Itapuí, mais recente, ambas no nordeste do Rio Grande do Sul. Schmitz (1985) fez um balanço do que sobre essa tradição é conhecido.

O contexto lítico abrange um grande número de pontas de projétil foliáceas, pedunculadas com ou sem aletas, de morfologias variadas, acompanhadas de raspadores, furadores, alisadores, bolas etc. A técnica de debitagem parece predominantemente unipolar, mas no recetudo das coleções aparece também o uso da percussão bipolar, para determinadas matérias-primas como quartzo e calcedônia. O retoque dos artefatos mais finos costuma ser realizado por percussão e por pressão. As publicações existentes são ainda pouco explícitas com relação ao quadro morfológico, tecnológico e de utilização.

Os restos de alimentos conhecidos indicam caça generalizada, pesca estacional e

provavelmente coleta generalizada animal e vegetal, fugindo dos padrões de áreas mais frias, onde se destaca o predomínio da caça especializada.

O padrão de assentamento indica utilização intensa de abrigos, sempre que os mesmos estejam disponíveis, acampamentos a céu aberto, de preferência em áreas naturalmente salientes; também é freqüente que o lugar de sucessivos acampamentos assumam a forma de pequeno aterro. Há sítios multifuncionais com reocupação relativamente freqüente, de caráter estacional ou anual, como existem aqueles em que predomina a exploração e primeiro afeiçoamento da matéria-prima; também estão começando a aparecer alguns que parecem predominantemente estações de caça.

Os sítios estão principalmente em áreas onde existe junção de elementos variados da vegetação, onde em consequência o aproveitamento de matérias-primas e alimentos parece mais rico. Neste sentido imaginar o grupo como um explorador do campo limpo seria ilusório, uma vez que ele se encontra de preferência nas áreas de campo não limpo, no contato do campo com a Floresta Subcaducifólia Subtropical com Araucária, com a Floresta Subcaducifólia Tropical e Subtropical e mesmo da Vegetação Litorânea, entrando às vezes um pouco nesses ambientes lindantes.

As representações simbólicas da área são pouco estudadas: há poucos locais com gravuras do estilo "Pisadas".

Os sítios mais antigos estão no extremo sul (no sudoeste e nordeste do Rio Grande do Sul), estado que poderia ser o ponto focal desta tradição; sítios mais recentes encontram-se tanto no sul do Brasil, como na Argentina e no Uruguai. Nos trabalhos encontram-se indicações da regionalização da tradição, mas sem nenhuma explicação do que isto representa. Também a periodização ainda é meramente indicativa.

Sendo esta uma tradição de caçadores de áreas abertas, a extensão para ambientes semelhantes da Argentina e do Uruguai é fácil, mas a penetração no miolo da Floresta Subcaducifólia Subtropical e Tropical certamente seria extremamente difícil. A penetração na Floresta Subcaducifólia Subtropical com Araucária, geralmente intercalada de campos, não apresentaria obstáculo tão acentuado. O seu limite no Brasil parecia encon-

trar-se por isso lá onde a floresta de adensava. A existência de ocupações mais densas dentro do que hoje é floresta, como no sudoeste do Paraná, no vale do Ribeira (Blasis, 1988) e do Tietê, em São Paulo, talvez na Floresta Perenifólia Higrófila Costeira em Santa Catarina, nos obriga a pensar a sua dispersão de forma menos rígida.

A área nuclear nunca se torna legitimamente neolítica, mas está sujeita à sua influência, que se manifesta de maneiras diferentes: nos campos do sul do Rio Grande do Sul ela passa a usar uma cerâmica aparentada com a das culturas básicas do rio Uruguai médio, dando origem à tradição (cerâmica) Vieira; no centro do Rio Grande do Sul ela recebe alguma cerâmica Tupiguarani, provavelmente por meio de intercâmbio; o que aconteceria com os grupos da tradição no Planalto?

Embora não saibamos exatamente quais os aspectos verdadeiramente neolíticos da tradição Vieira, que aparentemente não desenvolveu cultivos até o seu contato com o Tupiguarani e utilizaria a cerâmica dentro de um contexto de caçadores, ela representa o aspecto mais neolitizado de todo o grupo dos caçadores das áreas abertas do sul. Se com a cerâmica Tupiguarani passou ao grupo do centro do Rio Grande do Sul algo mais da vida neolítica está sujeito a dúvidas ainda maiores.

Apesar de um grande número de sítios, fases e trabalhos esparsos, os problemas fundamentais referentes aos caçadores do sul do Brasil estão insolvidos. Não conhecemos o padrão de assentamento e utilização ambiental e sua evolução no tempo. Em termos de evolução continental nos falta especialmente a compreensão de neolitização, filtrada através de grupos vizinhos ou chegada diretamente através da ocupação por grupos neolíticos (p. ex. o Tupiguarani) de espaços adequados dentro do seu mesmo território.

## 2. A Floresta Subcaducifólia Subtropical e a parte meridional da Tropical

Esta floresta, mais densa no sul de São Paulo, menos no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ocupa as áreas quentes e chuvosas ao longo dos rios e da borda meridional do Planalto Brasileiro.

Os recursos para o abastecimento indígena são abundantes e bastante regularmente distribuídos, sendo possível a caça de animais terrestres e aves, a pesca, a apanha de moluscos nos rios, a coleta de frutos, tubérculos e raízes.

As rochas úteis para a produção de artefatos lascados ou polidos são variadas, abundantes e de boa qualidade, estando disponíveis basaltos, riolitos, arenitos silicificados, calcedônias, sílex e quartzo cristalizado.

Os solos geralmente são bons para cultivos tradicionais por técnicas indígenas.

Acredita-se que a floresta teria sido consideravelmente menor no final do Pleistoceno e que se tenha expandido muito durante o Holoceno, em especial durante o "Ótimo Climático".

### 2.1. A tradição Humaitá

Do Holoceno antigo ao recente a vida das populações indígenas parece ter sido de coletores e caçadores, usando uma indústria lítica, na qual se destacam os artefatos bifaciais grandes, sem pontas de projétil; ao redor do começo de nossa era aparece uma cultura totalmente neolítica, com aldeias, cerâmica, cultivos, que substitui e/ou incorpora os caçadores-coletores.

As indústrias líticas pré-cerâmicas podem ser reunidas numa única tradição, chamada Humaitá, com numerosas fases. Os sítios mais antigos estão no norte da área: o sítio Brito, no sul de São Paulo, está datado em aproximadamente 7.000 A.P., o de José Vieira, no noroeste do Paraná, também em aproximadamente 7.000 A.P.; a fase Antas, no Rio Grande do Sul, começa ao redor de 6.700 A.P.

O contexto lítico abrange artefatos grandes, que foram classificados como bifaces, talhadores bifaciais e unifaciais, variados raspadores, enxós, furadores, lascas usadas diretamente. A técnica de debitage é unipolar, com percutor duro; também os trabalhos secundários e retoques apresentam esta característica. Ainda está pouco definido o uso desses artefatos, alguns dos quais apresentam marcas evidentes de alguma utilização.

Os restos de alimentos que definiriam a sua dieta são praticamente desconhecidos. Imagina-se que teriam sido caçadores e coletores generalizados.

O padrão de assentamento indica acampamentos multifuncionais a céu aberto, de preferência na proximidade de cursos d'água e sítios de abastecimento e afeiçoamento de matéria-prima; artefatos isolados, ou em pequeno número, são fáceis de encontrar nas áreas de sítios abundantes. Os bons abrigos são praticamente inexistentes e há poucos registros de ocupação dos mesmos.

Excetuando alguns sítios no planalto do Rio Grande do Sul, em Floresta Subcaducifólia Subtropical com Araucária, eles estão no interior da Floresta Subcaducifólia Tropical e Subtropical e devem ter conseguido uma boa adaptação a este ambiente porque praticamente não o ultrapassam. Curiosamente eles ainda não foram encontrados na Floresta Perenifólia Higrófila Costeira, que cobre a Serra do Mar.

Em áreas limítrofes do sul, onde elementos da floresta e do campo se juntam, elementos característicos da tradição podem vir com elementos característicos da tradição Umbu; no norte do Paraná e sul de São Paulo, que parece outro limite semelhante, podem igualmente aparecer, no contexto da Humaitá, elementos isolados da tradição Umbu ou de uma outra com pontas de projétil. Por enquanto é muito difícil dizer se esta tradição continua na Floresta Subcaducifólia Tropical que se estende pelo resto do Estado de São Paulo, por Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e o sul da Bahia, por não haver informações. Esta ignorância de sítios pode resultar tanto da falta de pesquisa, como de um ambiente inadequado para a instalação dessas populações, ou mesmo da ausência das matérias-primas habitualmente usadas para a fabricação de seus instrumentos; não havendo os grandes blocos das matérias-primas usuais do Planalto Sul-Brasileiro, poderiam as mesmas populações, nessas áreas, estar produzindo artefatos com outra morfologia e outro tamanho, os quais não permitiriam classificá-los, sem mais, na tradição Humaitá, como ela está atualmente conceituada.

As representações simbólicas da área estão restritas a algumas gravuras, do estivo "Pisadas", no sul da área, no limite com o campo.

Os sítios mais antigos estão no norte (São Paulo e Paraná). Como não temos certeza se as datações igualmente antigas do sudoeste de Santa Catarina pertencem a esta

tradição não ficamos sabendo onde é o ponto focal. De qualquer modo parece estar em matas residuais do começo do Holoceno; sítios mais recentes encontram-se em toda a floresta do sul do Brasil, bem como na continuação da mesma em Misiones argentinas e paraguaias. Nos trabalhos encontram-se indicações de regionalização da tradição, mas sem nenhuma explicitação do que isto representa. Também a periodização está toda por fazer, uma vez que a organizada por Menghin (1955/6) na Argentina está sob forte suspeita.

## 2.2. A tradição Tupiguarani

A Floresta Subcaducifólia Subtropical se torna plenamente neolítica quando, ao redor do começo de nossa era, aí se estabelece uma população horticultora, cuja cerâmica os pesquisadores do PRONAPA denominaram tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada. Devido à sua ligação com uma população etnográfica de língua Guarani, do tronco lingüístico Tupi-Guarani, Brochado (1984) a denomina simplesmente subtradição Guarani, da tradição Polícroma Amazônica.

A Floresta Subcaducifólia Tropical e parte da Vegetação Litorânea contígua torna-se igualmente neolítica uns séculos mais tarde, quando aí se estabelece uma população horticultora, cuja cerâmica os pesquisadores do PRONAPA denominaram tradição Tupiguarani, subtradição Pintada. Novamente, devido à sua ligação com parcelas de população etnográfica chamada Tupinambá, de língua Tupi, do tronco lingüístico Tupi-Guarani, Brochado (1984) a denomina subtradição Tupinambá, da tradição Polícroma Amazônica.

Estas subtradições duram até a plena ocupação do espaço pelos portugueses.

A cerâmica reúne vasilhames de tamanhos, acabamentos e funções diferentes, que se encontram em proporções diferentes nas subtradições e variam também no tempo. A subtradição Corrugada desenvolve um grande número de variedades de acabados plásticos da superfície externa, presentes na subtradição Pintada em pequena escala. A subtradição Pintada, ao contrário, acentua como acabamento da superfície do vasilhame o alisado, que pode receber pintura variada, geralmente

sobre engobe branco; apesar de presente na subtradição Corrugada é nela menos representativo. Na subtradição Corrugada os vasilhames são predominantemente mais fundos, inferindo-se disso que se destinariam a funções de cozinhar, fermentar, guardar e servir alimentos variados; na subtradição Pintada são mais rasos, inferindo-se disso que, além das outras funções, a de preparar produtos de mandioca amarga, seria muito importante. O antiplástico é variado, podendo ser os minerais encontrados naturalmente, ou caco moído.

A indústria lítica raramente é abundante; são comuns lâminas polidas de machado, tambetás em quartzo e outros materiais; alisadores em canaleta sobre fragmentos de arenito, alisadores ou mós, lascas unipolares ou lascas e fragmentos bipolares usados diretamente. Localmente pode haver variações consideráveis como se os artefatos de grupos pré-cerâmicos anteriores tivessem sido incorporados e a disponibilidade local de matéria-prima adequada fosse igualmente importante.

Os restos alimentares de origem animal recuperados infelizmente são escassos e não chegam a caracterizar a dieta: nos poucos sítios do sul, onde foram analisados, nos mostram caça variada, com predomínio do veado, coleta de moluscos de água doce ou salgada e pesca. Presume-se que os produtos da roça tenham sido variados com uma certa insistência na mandioca ao menos por parte da subtradição Pintada e cultivos mais diversificados de parte da subtradição Corrugada. Mas de concreto e demonstrado temos muito pouco. As roças deveriam ser do tipo coivara.

As aldeias, geralmente com mais de uma moradia plurifamiliar e sepultamentos em urnas, estavam de preferência nos vales dos rios e nas encostas menos íngremes, que dão para os mesmos; ou na planície litorânea. Devido à exploração rotativa dos recursos distribuídos no espaço do vale e planícies, em períodos relativamente curtos, eram abandonadas, buscando-se nova instalação na proximidade, dentro do mesmo território. O investimento na construção, de materiais perecíveis, e na roça, passageira, dava à colonização, na maior parte do território ocupado, um caráter de estabilidade apenas relativa, mais territorial que local.

Os sítios encontram-se em toda a área da Floresta Subcaducifólia Subtropical, e

partes da Tropical, inclusive no noroeste argentino e sudoeste do Paraguai, mas não foram localizados até agora na Floresta Perenifólia Higrófila Costeira, que cobre a Serra do Mar. Embora não ultrapassem a floresta para entrar nos campos, difíceis de cultivar com técnicas tradicionais, e nos pinheirais, localizados em áreas mais frias, às vezes os encontramos em áreas florestais do litoral, onde os terrenos também se prestassem ao plantio. Brochado (1973 e 1984) fez um estudo das condições ecológicas às quais conseguiram adaptar-se.

Sítios antigos aparecem principalmente no setor meridional da floresta Subcaducifólia Tropical, no sul de São Paulo e norte do Paraná, que poderia ser considerado o ponto focal e de dispersão ao menos da subtradição Corrugada. Com os dados atuais teríamos, no começo dessa subtradição, um fácies pintado, cujo aparecimento na área se colocaria um pouco depois de Cristo, dando-se a seguir um incremento na decoração (ou tratamento da superfície) plástica, acompanhando uma adaptação tecnológica e cultural ao ambiente subtropical.

No esquema resultante dos trabalhos do PRONAPA o fácies pintado inicial daria origem tanto à subtradição Corrugada, quanto à subtradição Pintada clássica, que se deslocaria do seu ponto de origem no interior para o litoral. Brochado, na sua tese, propõe que a subtradição Pintada venha da Amazônia ao longo do litoral nordestino, em data bastante antiga, mas a sua fixação seria mesmo assim posterior à da subtradição Corrugada.

De acordo com estudos lingüísticos e glotocronológicos (Migliazza, 1982), tratar-se-ia de um grupo de fala Tupi do sul da Amazônia, que teria migrado para o sul, ocupando, num movimento de colonização efetiva e constante, as áreas de floresta, expulsando, eliminando ou absorvendo as populações anteriores. Brochado, na sua tese, adscrive os dois ramos à tradição cerâmica Policroma Amazônica, um de cujos ramos teria chegado pelo interior e outro pelo litoral. A discussão das migrações deverá ter novos capítulos e versões na medida em que tivermos noções mais exatas do que está efetivamente acontecendo em todas as áreas por onde elas deveriam ter passado e quando soubermos, onde, como e em que condições,

populações semelhantes se fixaram no território brasileiro.

Algumas questões muito sérias ficam irrespondidas para esta área de florestas.

1. Apesar de um grande número de sítios, fases e trabalhos esparsos, os problemas fundamentais da tradição Humaitá estão insolvidos; esta falha é inda mais grave que para os caçadores dos campos. Não conhecemos o padrão de assentamento e utilização ambiental, incluída a tecnologia, e sua evolução no tempo.

2. Não sabemos o que aconteceu com a população frente à progressiva expansão neolítica.

3. Se é verdade que a tradição Tupi-guarani é consequência de uma migração de população da Amazônia nos primeiros séculos de nossa era, qual é o patrimônio tecnológico e cultural que traz e como ele se vai transformando em confronto com o novo ambiente e as populações anteriormente aí existentes? Como é sua instalação efetiva em termos de padrões de assentamento, incluindo a arrumação da casa, o espaço da aldeia e seus anexos, e a circulação das aldeias dentro do espaço dominado?

4. A não utilização da Floresta Perenifólia Costeira, no sul, deve-se exclusivamente à declividade dos terraços ou a mesma carece de outras condições que a tornaram inapetecida ou de ocupação impossível?

### *3. A Floresta Subcaducifólia Subtropical com Araucária*

Esta floresta se estende por sobre o planalto dos Estados de Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, ocupando áreas frias: freqüentemente vem com intercalações de campos. Menos densamente ocorre Araucária no sul de Minas também com intercalação de campos.

Com isso forma ambientes ricos em caça e frutos, especialmente o pinhão, que amadurece no começo do outono.

As rochas úteis para a produção de artefatos lascados ou polidos não são geralmente nem muito abundantes, nem de boa qualidade, podendo ser conseguidos alguns basaltos riolitos, calcedônias, cristais de quartzo, especialmente na proximidade dos grandes rios.

O solo também não é rico para cultivos tradicionais por técnicas indígenas.

A floresta sempre deve ter existido no Holoceno e se ela aumentou ou diminuiu não é importante para nosso estudo que se ocupa de culturas recentes, coincidindo com uma extensão semelhante à de hoje.

Desconhecemos se esta área em algum momento tenha tido uma cultura pré-cerâmica própria. Na área existem alguns sítios de caçadores da tradição Umbu.

Em contraposição, a área mostra densa ocupação neolítica, que os arqueólogos identificam como três tradições (cerâmicas) regionais: no sul a tradição Taquara, no meio a Casa de Pedra, no norte a Itararé. A diferença entre as três, para quem olha de fora, é tão pequena que talvez fosse mais objetivo falar de uma tradição com três subtradições. Schmitz (1988) fez um balanço do que dela se conhece hoje.

A cerâmica se compõe de vasilhames pequenos com predominância de formas estreitas e fundas sobre as largas e rasas; antiplástico mineral; um conjunto de decorações onde aparecem unglados, pinçados, ponteados, impressos, incisos característicos. A frequência de vasilhames decorados é maior na chamada tradição Taquara do que nas outras duas, onde é pouco re-presentativa; na Itararé o polimento das superfícies, acompanhado muitas vezes de brunido na face externa, é característico.

A indústria lítica inclui artefatos grandes semelhantes aos da tradição Humaitá, ao lado de abundantes lascas produzidas sobre calcedônia ou cristais de quartzo por lascamento bipolar, e artefatos polidos, às vezes de grande tamanho, em especial lâminas de machado e mãos de pilão. Esta indústria pode ser muito desenvolvida quando a matéria-prima é de boa qualidade, como acontece na proximidade dos rios, ou pobre quando distante de boa matéria-prima. Mas apresenta outras variações que podem estar ligadas às populações que as precederam em alguns locais.

Na sua área nuclear, que é o planalto, ainda não conseguimos restos alimentícios para caracterizar a sua dieta, a não ser uns poucos pinhões. Junto ao litoral contíguo, para onde a cultura se estendeu, comiam moluscos marinhos, de água doce ou terrestres, pescavam e caçavam. — A suposição é de que

estacionalmente caçavam, pescavam, colhiam pequenos animais e frutos (especialmente o pinhão) e teriam uma horticultura pouco desenvolvida de apoio, donde viria o milho e a cabaça. As roças seriam do tipo coivara.

Os sítios são de vários tipos: nas áreas altas dos pinheirais e campos intercalados conhecem-se milhares de casas subterrâneas, isoladas ou agrupadas; junto às casas costuma haver pequenos aterros que se supõe sejam sepulturas e às vezes espaços cercados com taipa de terra pisoteada; aí também se podem encontrar galerias subterrâneas cavadas nas encostas. Em cotas mais baixas são freqüentes restos de aldeias de pequenas choupanas; no litoral contíguo podem ser encontrados sítios de pesca e coleta marinha ou lacustre com alguma caça; ou estabelecimentos estáveis baseados na pesca, na coleta e na caça; é raro encontrar ocupações em abrigos no planalto (cemitério), ou na encosta (multifuncional?).

Os sítios estão concentrados na área de Floresta Subcaducifólia Subtropical com Araucária e seus campos intercalados, transbordando para o litoral contíguo; e com pequenas entradas, recentes, na Floresta Subcaducifólia Subtropical, havendo aí contatos marcados com o Tupiguarani; ou na Tropical, com sólidos estabelecimentos, que poderiam estar baseados em horticultura (Robrahn, 1988). O seu limite parecem ser os campos do sul e as florestas que cercam pelo oeste, o norte e parcialmente pelo leste. Com exceção do litoral setentrional do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, onde há um certo número de sítios, eles ocuparam mesmo os pinheirais do planalto brasileiro e pequena parcela, também com pinheirais, do nordeste Argentino.

A ocupação mais antiga está no nordeste do Rio Grande do Sul, no segundo século de nossa era. A tradição continua até bastante depois da chegada do branco e provavelmente desemboca nos Kaingáng e Xokleng atuais.

Casas subterrâneas são registradas em vários locais no sul de Minas Gerais, em áreas altas, na proximidade das quais também existem campos e pinheiros; quando se conhece a filiação, atribuem-se a grupos ceramistas da tradição Sapucaí.

Entre os inúmeros problemas insolvidos destacamos alguns:

1. Quem é a população pré-cerâmica da área, onde, de repente, aparecem as casas subterrâneas neolíticas, ou ela era ocupada exclusivamente por uns poucos caçadores da tradição Umbu?

2. Devido a alguma semelhança da indústria lítica dos ceramistas com a tradição Humaitá, se tem sugerido que esta poderia estar na origem daquela. Esta semelhança parcial realmente existe, mas seria muito estranho que um grupo adaptado à beira dos rios na floresta quente, onde vivem a céu aberto, no momento em que a temperatura está em baixa, se retire para áreas afastadas, muito frias, de vegetação diferente, e aí se dedique à criação de uma cultura completamente diferente, incluindo complicados mecanismos de adaptação ao frio, como são as casas subterrâneas. Também não parece tratar-se de reorganização cultural após a fuga diante de um grupo invasor (o Tupinambá) porque, por um lado, quando este chega já existe a tradição Taquara (cacos de sua cerâmica aparecem nos primeiros sítios Tupiguaranis), e por outro, os sítios Taquara dentro da floresta costumam ser recentes e apresentar algum tipo de convivência com o Tupiguarani final, possivelmente sob a forma de casamentos interétnicos. A falta de respostas locais adequadas deve levar nos a postular a migração de uma população neolitizada, como se costuma fazer com o Tupiguarani?

3. Ou será que existe uma tradição de casas subterrâneas certamente pré-cerâmicas, ainda não vistas devido à pouca extensão e intensidade do trabalho até agora realizado nestes numerosíssimos sítios do planalto? O fato de que existem casas subterrâneas também na tradição Sapucaí indica ser o fenômeno mais complexo do que inicialmente julgávamos.

4. Qual é a ligação entre os sítios do planalto e os do litoral, onde podem formar consideráveis acúmulos de restos, por muitos incluídos entre os "sambaquis"? São ocupações estacionais ou um fácies litorâneo, permanente, das populações do planalto?

5. O padrão de subsistência é realmente o de um caçador-coletor com alguns cultivos de apoio? Quais?

#### 4. O litoral estrangulado pela Serra do Mar

Uma parte do litoral do sul e sudeste constitui-se numa área arqueológica separada, a outra parte não.

O segmento mais meridional, de praias arenosas retas, sem acidentes marcados e pobre em moluscos, com um hinterland aplanado ou ao menos de fácil acesso, foi incorporado no sistema de rodízio estacional maior de toda a região, não apresentando nenhum dos fenômenos típicos da outra. Pode-se acrescentar que também no litoral do Nordeste, de condições semelhantes, está ausente o fenômeno "sambaqui".

Só o segmento do litoral estrangulado entre a borda empinada da Serra do Mar ou do Planalto e o Oceano parece ter desenvolvido tecnologias e elementos culturais característicos. A abundância de alimentos de substituição rápida, estáveis através do ano e dos séculos, e o isolamento forçado pela declividade da Serra ou do Planalto, coberta por uma densa floresta higrófila, impedindo praticamente o acesso às terras altas, parecem ter sido os responsáveis pela prisão de um contingente populacional e permitiu sua evolução autônoma até o impacto da onda neolitizadora que atingiu todas as áreas.

O ambiente é de banhados, lagoas, restingas, baías e morros, com vegetação ribeirinha característica na estreita faixa aluvial; Floresta Perenifólia Higrófila Costeira cobrindo a encosta da serra ou do planalto.

Nas lagoas, lagoas, banhados, manguezais, nas baías e também no mar aberto são abundantes os moluscos, crustáceos e peixes; também existem animais terrestres, aquáticos e aves, que podem ser caçados. Os frutos parecem ter sido relativamente escassos.

Eram geralmente ruins para lascas as rochas disponíveis, que podem ser basaltos, diabásio, granitos ou gnaises; mas elas se prestam razoavelmente para a produção de instrumentos polidos; em alguns locais o quartzo era usado para artefatos lascados.

Terrenos aluviais podem ser usados para determinados cultivos, especialmente mandioca, mas em geral são pouco adaptados para cultivos gerais pela tecnologia indígena.

#### 4.1. Os coletores de moluscos

O período mais antigo de ocupação desta parte do litoral se caracteriza como coleta de moluscos, ao lado de pesca e caça muito pouco desenvolvida.

Há um sítio isolado de aproximadamente 8.000 anos A.P., no Rio de Janeiro, que é proposto como o mais antigo desta tradição. Uma ocupação continuada do litoral dos cinco estados mais meridionais só se realiza a partir de 6.000 anos A.P.

As indústrias líticas correspondentes apresentam artefatos parcialmente lascados, parcialmente picoteados e parcialmente polidos, artefatos totalmente alisados ou polidos e artefatos totalmente lascados. Artefatos característicos são pesos, ganchos ou retentores de propulsor de dardos, pontas fusiformes, suportes de percussão, polidores, lâminas de machado. Únicas são as esculturas em pedra, geralmente em forma de animais, raramente antropomorfas, pratos em pedra, bastões que parecem torneados.

Artefatos ósseos também não são raros: pontas, anzóis, sovelos, pratos, bacias, contas, pigmentos, outros objetos de adorno e esculturas.

Em concha existem raspadeiras, contas, pigmentos, peças de colares.

Entre os restos alimentares predominam os moluscos, mas há também crustáceos, peixes, répteis, anfíbios, mamíferos e aves, além de coquinhos de palmeiras.

Os sítios constituem-se de acúmulos de moluscos, reunidos durante séculos ou milênios. Os mortos eram enterrados nos mesmos, a maior parte das vezes em posição fletida e com oferendas mortuárias, às vezes com o cadáver coberto de ocre; algumas covas foram especialmente revestidas com areia branca, ossos de balcão ou uma camada de argila.

A ocupação mais antiga está no setor mais setentrional, diminuindo as datas em direção ao sul. Tomando em consideração a abundância e tamanho dos acúmulos pode-se imaginar que esta tenha sido uma das áreas mais bem abastecidas do território, levando a uma densidade populacional grande, poucas vezes atingida antes do neolítico.

Uma população estendida sobre um espaço tão grande, estreito e compartimentado, certamente criaria diferenças regionais, algumas das quais foram destacadas por

Prous (1976), que tomou por base os zoolitos e a matéria-prima dos artefatos. Essas diferenças não parecem decorrer somente de adaptações locais, mas podem ser transportadas por populações que se deslocam (Naves, 1984).

Como aparentemente todos os eventuais sítios antigos devem ter sido varridos pelo mar em sua ascensão anterior aos 6.000 anos A.P., sempre vamos ter dificuldade em resolver o problema da origem. Como hipóteses alternativas poderiam manejar-se duas proposições. A primeira ressaltando a idéia de que populações da plataforma continental, emersa em maior ou menor largura antes da ascensão holocênica do mar, teriam sido apertadas contra a Serra do Mar e na emergência enfrentada se teriam voltado para os abundantes recursos litorâneos, criados com a transgressão marinha. A segunda, pondo em destaque simplesmente que a fartura de recursos lacustres e marinhos criados com a submersão da borda inferior da serra teria atraído e fixado populações do interior num momento de transição climática, que exigia a busca de novos recursos alimentares. Desde o Holoceno antigo temos em todo o território estudado populações das mais diversas tradições tecnológicas usando intensamente moluscos terrestres na sua alimentação. A utilização de moluscos aquáticos não representaria grande modificação. Pode ser encontrada no litoral, ao longo de rios, como o Ribeira (Barreto, 1988), ou no Pantanal do Mato Grosso.

Uma vez instalada na parte setentrional desse litoral, teria começado a se movimentar para o sul até chegar ao fim do corredor, onde também acabavam os recursos buscados. Talvez ambas as proposições tenham de ser manipuladas paralelamente.

É claro que temos que manter sempre presente que a exploração de recursos marinhos, nesta mesma época, é um fenômeno mundial e que, inclusive, alguns artefatos dos sambaquis da costa brasileira se parecem excessivamente com os da costa chilena.

#### 4.2. Pescadores, coletores e talvez cultivadores incipientes

Ao redor de 4.000 anos A.P. se percebem mudanças neste sistema de abastecimento com a intensificação da pesca, uma

coleta variada de produtos vegetais e animais e talvez em algum local o consumo de plantas em cultivo. Esta observação deu oportunidade a que, no Rio de Janeiro (Dias e Carvalho, 1983; Carvalho, 1984; Machado, 1984) e no Espírito Santo (Perota, 1971 e 1974) se criasse uma nova tradição litorânea, denominada Itaipu, que se desenvolveria paralelamente aos coletores de moluscos. Ao longo da costa existem numerosos sítios que poderiam estar representando este mesmo fenômeno. Se esta realidade manifesta apenas a variação natural no abastecimento das populações litorâneas, que de acordo com as disponibilidades locais ora recolhem mais moluscos, ora mais peixes, ou se é o primeiro impacto sério de uma nova onda tecnológica continental, com o pequeno controle dos dados é impossível afirmar.

Nos dois estados, onde a tradição Itaipu está definida, os artefatos líticos são principalmente de quartzo lascado; os de osso são pontas, anzóis e contas; os de concha são raspadeiras, contas, pingentes, peças de colares.

Os restos alimentícios são de peixes, moluscos, caça variada, aves, frutos.

Os sítios são acampamentos sobre dunas à beira de lagoas, mais próximas ou mais afastadas do mar. Nelas há grande número de sepultamentos, geralmente em posição fletida.

Nos outros segmentos do litoral, onde há sítios com grande quantidade de ossos de peixes e um grande número de sepultamentos, a informação é de que os principais tipos de instrumentos não seriam diferentes daqueles dos coletores de moluscos, mas como o problema não estava explícito, um reexame dos sítios pode dar respostas diferentes.

No setor meridional deste litoral captamos no final uma população pescadora, coletora, mas aparentemente não cultivadora, com a mesma cerâmica do Planalto, principalmente da tradição Itararé. Aparentemente não se trata aí só de uma mudança tecnológica com relação aos coletores de moluscos, mas da entrada em cena de uma nova população, sendo os esqueletos destes últimos diferentes dos da população anterior. Mas já se antevê aí um complexo fenômeno de mestiçagem e modernização de populações (Silva, 1988).

Como nas outras áreas arqueológicas, também nesta fica uma série de perguntas.

1. A primeira é certamente a do desenvolvimento da coleta litorânea e da pesca.

2. A espantosa semelhança entre artefatos da costa brasileira e da costa chilena simplesmente amplia a questão, colocando-a em termos continentais e não regionais.

3. Como este modo de vida, que parece completo e autosuficiente evolui no tempo frente aos movimentos tecnológicos e culturais continentais, em outras palavras, como reage ao movimento neolitizante? Ele só lhe traz modificações por difusão, permanecendo igual a população, como poderia dar a entender a tradição Itaipu, ou introduz uma nova população neolítica ou em neolitização, como parece acontecer nos "sambauquis" de Santa Catarina? Neste segundo momento, o modo de vida litorâneo continua sendo completo e autosuficiente, mesmo que se tenha tornado um segmento de uma cultura partilhada por uma população maior, distribuída entre a costa e o planalto? Ou não passa de atividade estacional de uma população com movimento transmutante entre o planalto e a costa? Este movimento neolitizante atinge rapidamente toda a população, ou se criam segmentos mais progressistas ao lado de outros conservadores como sugere Dias para o Rio de Janeiro? As populações da tradição Itaipu evoluem para se transformar em um grupo totalmente neolitizado, ou o neolítico da área representa novos movimentos populacionais que as populações anteriores têm de enfrentar?

## A área das savanas tropicais

Para esta área temos informações muito menos consistentes, embora se possa contar com grande volume de pesquisa para alguns locais, que entretanto abrangem menos que a metade da superfície.

A vegetação predominante nos espaços mais interiores é o cerrado; nas áreas mais secas do Nordeste a caatinga, nas menos secas o agreste (Floresta Caducifólia não Espinhosa); numa faixa relativamente estreita ao longo da costa a Floresta Perenifólia Higrófila Costeira; no Sudoeste uma larga faixa de Floresta Subcaducifólia Tropical se estende entre esta e o cerrado. As principais formações vegetais apresentam intercalações que parecem de alguma importância para enten-

der a distribuição das culturas: existem manchas de floresta no meio da caatinga (especialmente nos pontos altos) e no cerrado (principalmente o chamado Mato Grosso de Goiás); há consideráveis intercalações de cerrado na Floresta Subcaducifólia Tropical, em São Paulo e no Sul de Minas Gerais.

Apesar de grandes extensões de terreno serem altos, o clima é permanentemente quente. As chuvas ocorrem numa só estação.

O cerrado, a caatinga e a mata contêm animais terrestres e aves diversificados, mas predominantemente de tamanho médio a pequeno; caramujos terrestres se multiplicam abundantemente nessas áreas quentes. Os frutos são muito abundantes no cerrado, menos na caatinga e na mata.

São variadas as rochas disponíveis para lascas e polir; em alguns lugares há grande disponibilidade de rochas boas para lascas (arenito silicificado e sílex), em outros, pelo contrário, são escassas e ruins (quartzos e quartzitos).

O solo era adequado para cultivos tradicionais por técnicas indígenas nas áreas de florestas contínuas e também nas intercaladas; mesmo pequenas matas de galeria ao longo dos cursos d'água podiam ser utilizadas.

Este ambiente não se manteve idêntico desde a primeira ocupação humana, devendo-se considerar que durante o Pleistoceno a caatinga ocuparia extensões consideravelmente maiores em prejuízo do cerrado e também da mata; o cerrado ocuparia superfícies agora cobertas de floresta. O avanço da mata se daria principalmente durante o "Ótimo Climático" continuando posteriormente, até a colonização européia, quando passou a ser devastada.

As culturas dos caçadores desenvolveram-se principalmente nas áreas de vegetação mais aberta como a caatinga, o cerrado e o agreste, sendo mais antigas na caatinga; vêm acompanhadas de uma rica e variada arte parietal sob a forma de pinturas, menos de gravuras (Guidon, 1975; Aguiar, 1986; Almeida, 1979).

As culturas dos horticultores desenvolveram-se principalmente nas áreas de floresta densa ou intercalada, mas aproveitando também as matas de galeria, e vêm acompanhadas de grande quantidade de gravuras em

paredes, blocos ou lajes. O processo de neolitização pode aqui ser acompanhado mais claramente que na área subtropical.

Na seqüência cultural dos caçadores só temos documentação pleistocênica de certa densidade para o Piauí, com duas fases; para o Holoceno antigo temos uma fase para o Piauí e duas tradições para o Centro do Brasil. — Na seqüência dos horticultores costumam separar-se três grandes tradições: a Una, a Aratu/Sapucaí e a Tupiguarani, sub-tradição Pintada.

### *1. As ocupações pleistocênicas*

Embora existam datas pleistocênicas para a Bahia e o Piauí, só neste último estado se criou uma seqüência cronológica, com o estabelecimento de duas fases. A primeira, entre 31.500 e 14.000 anos A.P., é caracterizada por lascas, que são usadas como tais ou com alguns retoques; também são comuns as facas, em particular as facas com dorso; são seguidas pelos raspadores. A matéria-prima é siltito, quartzo e quartzito. Os abrigos, nos quais foram encontrados os vestígios, seriam freqüentados por pequenos grupos humanos, de maneira temporária, mas regular, estando entre suas atividades a pintura nas paredes rochosas.

A segunda fase, entre 14.000 e 11.000 anos A.P. é caracterizada por lesmas e lascas. A matéria-prima predominante continua sendo o siltito, o quartzo e o quartzito. Os abrigos apresentam uma ocupação mais intensa, representada tanto pelos restos líticos, quanto pela pintura, agora de tradição Nordeste.

Já no Holoceno antigo, entre 10.000 e 7.000 anos A.P. temos, no sudeste do Piauí, uma indústria em quartzito, com lascas maiores, raspadores e facas; nesta época, em alguns sítios, encontra-se uma formosa indústria em sílex e calcedônia, cuja característica essencial é a existência de pequenas lâminas e raspadeiras carenadas. As pinturas continuam, agora em estilo Serra da Capivara e complexo estilístico Serra Talhada (Guidon, 1986).

Na maior parte das áreas de cerrado este período é abrangido pela tradição Itaparica, sucedida pela Serranópolis.

## 2. Uma tradição de artefatos laminares unifaciais intensamente retocados (tradição Itaparica)

Ao redor de 11.000 anos A.P. esta tradição é encontrada sobre uma vasta área, incluindo o Mato Grosso do Sul, o Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Ela aparece mais freqüentemente no cerrado, ainda é pouco estudada na caatinga e no agreste, não é conhecida na mata.

A indústria lítica apresenta como artefatos mais característicos raspadores longos terminais, outros raspadores, furadores, lascas, lascas usadas diretamente, sobre arenito silicificado, silito, sílex, quartzito etc. As pontas de projétil, comuns na área subtropical, aqui são absoluta exceção, e só aparecem no final do período.

Na indústria óssea se destacam espátulas e algumas pontas sobre osso, bem como retocadores sobre cornamenta de veado.

Os restos alimentares nas áreas de cerrado indicam caça generalizada, com leve predomínio do veado; na caatinga, ao lado da caça generalizada, há forte apanha de caramujos terrestres.

Ainda não se descobriram sepultamentos.

Os sítios, geralmente multifuncionais, nos abrigos, podem ser de exploração e preparação de matéria prima em áreas abertas, onde são igualmente numerosos.

Em vários lugares se buscou associar pinturas a esta tradição, como em Serranópolis.

Aos 11.000 anos a tradição está implantada sobre mais de 2.000 km de extensão, devendo-se postular para isso um período considerável de expansão. É quase certo que ela cobriu todas as savanas tropicais e São Raimundo Nonato, no sudeste do Piauí, seria um ponto para considerar como sua origem. Ainda não se estabeleceram diferenciações regionais.

Ao redor de 8.400 anos A.P. na área de cerrado, talvez em tempo mais recente na caatinga e no agreste, ela perde os seus característicos artefatos bem trabalhados e se transforma em indústrias de lasca com poucos retoques, que denominamos tradição Serranópolis.

## 3. Uma tradição de lascas com poucos retoques (tradição Serranópolis)

Diretamente sobre as camadas da tradição de artefatos unifaciais intensamente retocados aparecem restos culturais muito diferentes. Por enquanto ela é mais conhecida nas áreas de cerrado, porque os sítios da caatinga estão pouco trabalhados.

A indústria lítica mostra artefatos de pouco retoque sobre lascas irregulares, usando as mesmas matérias-primas da tradição anterior.

Na indústria óssea podem ser encontradas ainda espátulas, pontas e anzóis.

Caramujos terrestres com várias perfurações aparecem freqüentemente, podendo ao menos alguns ter sido usados como artefatos.

Os restos alimentares são constituídos de um grande número de moluscos terrestres, ao lado de caça generalizada.

Os sepultamentos agora são freqüentes, os corpos em posição fletida, geralmente sem acompanhamento funerário.

Os sítios são predominantemente multifuncionais em abrigos, com pinturas.

Como não se trata de uma indústria com artefatos de morfologia chamativa e de fácil identificação, ainda não sabemos até onde se estende no espaço e no tempo e como surgiu em seguimento à tradição Itaparica. De qualquer maneira estas indústrias de lascas parece que se vão manter no cerrado e na caatinga até o advento dos horticultores.

O movimento continental de neolitização já pode ser captado claramente uma vez passado o "Ótimo Climático" Primeiro aparecem cerâmicas antigas, que poderiam remontar ao segundo milênio a.C. em Minas Gerais e talvez em Goiás; logo são encontradas, em Minas Gerais, plantas em estado de domesticação, como o milho. As diversas tradições horticultoras logo se expandem sobre o território, transformando, eventualmente exterminando caçadores residuais. A tradição mais antiga vai continuar nos mesmos abrigos das culturas anteriores, ao passo que as duas posteriores buscam um habitat diferente, explorando os terrenos abertos com vegetação arbórea mais densa. Aparentemente se trata de três populações que durante séculos se mantêm separadas.

#### 4. Horticultores da tradição Una

São os horticultores mais antigos e continuam ocupando os abrigos rochosos em áreas de convergência de cerrado (ou caatinga) com matas. São ainda raros os sítios a céu aberto, geralmente cerca de abrigos igualmente ocupados.

A cerâmica, de tamanho pequeno, feita predominantemente com antiplástico mineral, mas desde cedo também com cariapé, apresenta formas de bordas simples ou infletidas.

Na indústria lítica podem ser encontrados abundantes machados lascados e polidos.

Em abrigos mais secos foram recuperados artefatos em osso, madeira, couro, fibras vegetais e plumas; também corpos humanos total ou parcialmente preservados, sem falar de inúmeros coprólitos, importantes para a compreensão dos alimentos e dos parasitas intestinais.

Além de caramujos terrestres, de caça generalizada e frutos naturais puderam ser recuperados restos de plantas cultivadas como milho, feijão, mandioca, cucurbitáceas e algodão.

Os abrigos continuaram a ser pintados e gravados como antes.

Sítios dessa tradição foram localizados no sudoeste de Goiás, em Minas Gerais, sudoeste da Bahia e no Estado do Rio de Janeiro, encontrando-se as datas mais antigas no interior e podendo-se imaginar uma migração para a costa acompanhando o leito dos rios. Na medida em que se estudam outras áreas da região Sudoeste e da Nordeste aparecem mais sítios, proporcionando uma melhor compreensão da área e do ambiente.

Embora seja contemporânea, e se encontre na mesma grande área das outras tradições horticultoras, o fato de ocupar um nicho específico nos terrenos mais acidentados, deixando os mais planos para os outros plantadores, lhe daria possibilidade de sobrevivência sem grandes conflitos. De fato os vários pesquisadores acreditam que ela tenha persistido até depois da chegada do homem europeu.

#### 5. Horticultores da tradição Aratu/Sapucaí

Constroem aldeias com centenas de pessoas em locais abertos e pouco acidentados de preferência em áreas florestadas densas, mas usando também matas intercaladas e de galeria no cerrado ou na caatinga.

A cerâmica, de tamanho grande, temperada com antiplástico mineral e no Centro do país também com cariapé, tem formas globulares e periformes, de bordas simples e infletidas.

Na indústria lítica predominam artefatos polidos, como lâminas de machado (simples ou semilunares), ou de facas, além de pratos e pilões de micaxisto.

Embora em algumas escavações tenham aparecido restos de caça não temos uma idéia clara do que ela representaria no abastecimento do grupo; muito menos conhecemos dos produtos cultivados; usando a correlação feita entre formas de vasilhames e preparação de alimentos (Brochado, 1977) pensa-se que estariam fora da tradição amazônica de transformação da mandioca amarga e talvez usassem cultivos variados; certamente a coleta de frutas não seria desprezível.

Ao menos em Goiás, onde há numerosos sítios, as aldeias são circulares, podendo compor-se até de 90 moradias, comportando mais de 1.000 habitantes. Os pesquisadores aventam a hipótese de que estes sejam os predecessores dos Kaiapó do Sul (Wüst, 1983). – Na Bahia foram encontrados grandes cemitérios com urnas, sempre indicando que se trata de uma população densa com uma base econômica bastante sólida.

No sul de Minas Gerais em áreas altas, numa área de convergência ambiental, com mata, cerrado, campos e pinheiros, a cerâmica da tradição Sapucaí aparece em casas subterrâneas, que parece uma adaptação de ambientes frios, características da região subtropical.

Essa tradição horticultora por enquanto é conhecida da Bahia, de Minas Gerais e de Goiás, havendo algumas indicações para áreas vizinhas.

Já no século nono esta era a superfície ocupada, fazendo-nos supor que a origem seja bastante anterior a esta data. Onde? Como?

## 6. A tradição Tupiguarani

O Tupiguarani, subtradição Pintada, ocupou áreas florestais e certos nichos do interior, onde conseguia adaptar-se. O seu ajustamento ecológico tem semelhanças com o da tradição Aratu/Sapucaí, cujo espaço vai pleitear, sem entretanto a poder excluir.

No interior da Bahia alguns sítios apresentam mais quantidade de unglados do que é normal na subtradição Pintada, mas seria temporário pleitear migrações ligadas à subtradição Corrugada para explicar este fenômeno local.

## 7. As questões que sobram

A maior parte das questões que sobram devem-se ao desconhecimento da metade do território e com isso dos limites dos fenômenos aqui estudados. Algumas questões, entretanto, podem ser formuladas.

1. O fato de estarem aparecendo datas pleistocênicas antigas nas áreas mais secas do Nordeste está deslocando para lá as atenções de muitos arqueólogos. Por que na região da caatinga e não na do cerrado? Que condições oferecia o Nordeste, que o Centro e o Sudeste não teriam?

2. A tradição Itaparica está mostrando uma grande dispersão, mas parece não ter chegado em locais de ambiente e datas parecidas, como a região de Lagoa Santa. Aqui a indústria lítica é diferente, com o característico lascamento bipolar e pontas de projétil (encontradas ao menos em Cerca Grande). As pontas poderiam ser o limite setentrional da tradição de pontas do Sul, acompanhando o derradeiro avanço dos campos e dos pinheirais, que também levariam as casas subterrâneas? E o mosaico de ambientes levaria a uma fusão de culturas?

3. A sucessão de tradições tecnológicas implica numa substituição de populações? Isto é, a transição da cultura pleistocênica para a tradição Itaparica e desta para a Seranópolis estaria ligada a movimentos populacionais? A tradição Una, Aratu/Sapucaí, Tupiguarani representariam outras tantas populações? Se isto é verdade, onde estas populações se formaram e criaram a sua cultura e como e quando se deslocaram? Para a solução de tais problemas certamente a contri-

buição dos antropólogos físicos se torna imprescindível.

## Considerações finais

Em nossa reflexão sobre as áreas arqueológicas do Litoral e do Planalto do Brasil notamos que é possível encontrar certas coincidências de áreas arqueológicas com grandes regiões geobiológicas.

Os limites entre essas regiões geobiológicas, especialmente quando os elementos se intercalam, e com isso se multiplicam, podem levar à formação de fronteiras com elementos culturais também misturados, recombinados ou enriquecidos (p. ex. na tradição Umbu no Rio Grande do Sul, e na Humaitá em São Paulo; na Sapucaí em casas subterrâneas em Minas Gerais). Mais frequentemente essa riqueza justaposta leva uma determinada população a explorá-la com exclusão de outras, ampliando com isso um espaço possivelmente mais monótono e menos rico. O fenômeno pode ocorrer com populações caçadoras (p. ex. a tradição Umbu), ou horticultores (p. ex. a tradição Aratu).

As populações criam sistemas tecnológicos e sócio-culturais voltados para o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis na sua área de domínio e por isso podem ser visualizadas como se fossem estáveis durante longos períodos dentro desse espaço. Esse espaço geográfico não é realmente estático, podendo crescer ou diminuir por fatores naturais, levando conseqüentemente ao crescimento ou redução da área cultural correspondente.

Porém mais frequentemente as culturas mudam dentro do mesmo espaço geográfico porque passam a explorar recursos diferentes dentro dele. Esta reorientação pode vir da modificação dos próprios elementos disponíveis, p. ex. por uma grande mudança climática, porém mais frequentemente pela modificação da tecnologia, quer por criação própria, quer por transmissão alheia, quer por invasão do território. Em espaços grandes, geobiologicamente complexos, podem-se ver finalmente justapostos sistemas de ajustamento ambiental diversos, explorando populações diferentes recursos alternativos com a utilização de tecnologias variadas,

mais ou menos desenvolvidas. Em vez de justaposição pode ocorrer também que populações adventícias, produtoras de melhor tecnologia, se apropriem dos recursos que lhes interessam, exterminando, expulsando ou absorvendo as populações anteriores.

Após essas considerações vemos a importância de introduzir a dinâmica em nosso estudo de áreas arqueológicas: não só a dinâmica natural dos espaços geográficos, onde os elementos biológicos se modificam através do tempo, mas principalmente a dinâmica da visão do homem, que num momento enxerga dentro do espaço certos recursos porque tem tecnologia para usá-los e num outro momento enxerga recursos muito diferentes para cuja exploração conseguiu adequada tecnologia ou estratégia.

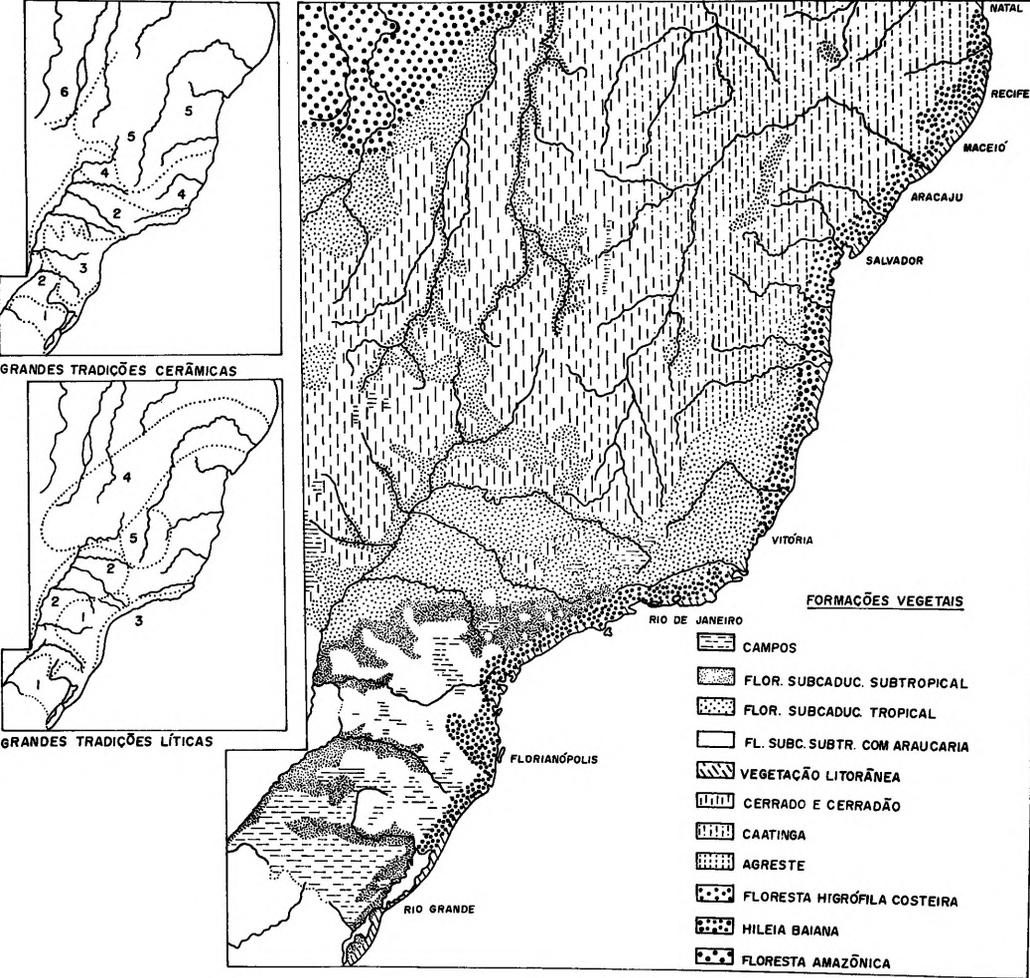
Portanto, como fatores explicativos das realidades encontradas não só precisamos saber quais os elementos geobiológicos disponíveis regionalmente em cada etapa, mas principalmente como sucessivamente eles eram encarados e selecionados como recursos pelos ocupantes. Os elementos disponíveis convidam à utilização de uma determinada tecnologia, mas esta não é fácil de recriar localmente, estando na dependência

de verdadeiros horizontes de tecnologia, que se criam em determinados lugares e dão aos primeiros e sucessivos portadores considerável vantagem, acompanhada de poder compulsório sobre populações mais atrasadas.

Embora se coloquem geralmente os maciços montanhosos do Pacífico como foco de inovações tecnológicas, que se refletem em áreas consideradas periféricas como o Brasil, um exame cuidadoso da arqueologia nacional provavelmente nos vai indicar que as populações indígenas locais não eram desprovidas de criatividade e produziram sistemas importantes para a sua sobrevivência. Guidon (1984) pleiteia o sudeste do Piauí como foco de vários elementos culturais ou tecnológicos.

Não podemos, nem devemos, reduzir o estudo das culturas indígenas brasileiras a mero enquadramento nessas etapas tecnológicas e a seus movimentos de expansão modificadora dos ajustes ecológicos regionais, mas esta é uma estratégia que pode dar um primeiro panorama de nossa pré-história.

Neste sentido a formulação apresentada e as reflexões concomitantes são ainda extremamente pobres, conseqüência não só da escassez de dados qualitativos, como da própria falta de compreensão do problema.



SCIMITZ, P. I. Archaeological areas from the Littoral and Highland of Brazil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 1:3-20, 1991.

**ABSTRACT:** Archaeological areas of the Littoral and the Highland of Brazil registers the spatial distribution of prehistoric cultural configurations, usually organized as technological or cultural traditions, emphasizing the frequent coextension with geobiological regions and recalling the dinamism that exists in the interior of any one of the regions and in their frontiers.

**UNITERMS:** Brazilian archaeology. Cultural areas. Technological traditions.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Alice. A tradição Agreste: estudos sobre arte rupestre em Pernambuco, *CLIO*, UFPPE, Recife, 8:7-98, 1986.
- ALMEIDA, Ruth Trindade. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. Ed. Universitária, UFPb, João Pessoa, 1979.
- BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira do Iguape, S.P.: os sítios concheiros*. Dissertação de Mestrado na USP, São Paulo, 1988.
- BLASIS, Paulo Antônio Dantas de. *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira do Iguape, S.P.: os sítios líticos do Médio Curso*. Dissertação de Mestrado na USP, São Paulo, 1988.
- BROCIADO, José Proenza. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, Buenos Aires, 7:7-39, 1973.
- \_\_\_\_\_. Desarrollo de la tradición Tupiguarani (A.D. 500-1800). Gabinete de Arqueologia da UFRGS, Publ. n.º 3, 1973.
- \_\_\_\_\_. *A analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas. A mandioca na Floresta Tropical*. Caderno n.º 2, II'CH, UFRGS, Porto Alegre, 1977
- \_\_\_\_\_. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*. Tese de Doutorado, Urbana, Illinois, 1984.
- BROCIADO, José Proenza e outros. Arqueologia brasileira em 1968. PRONAPA. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 2, 1969.
- CARVALHO, Eliana Teixeira. *Estudo arqueológico do sítio Coronado. Missão de 1978*. Instituto de Arqueologia Brasileira, Série Monografias, Rio de Janeiro, 2, 1984.
- DIAS, Ondemar F.; CARVALHO, Eliana Teixeira. Um possível foco de domesticação de plantas no Estado do Rio de Janeiro – RJ-JC-64 (Sítio Coronado). *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Série Ensaios, Rio de Janeiro, 1, 1983.
- GUIDON, Niède. *Peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, Paris, 3, 1975.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre o povoamento da América. *Décalo*, São Paulo, 23:153-162, 1984
- \_\_\_\_\_. Las unidades culturales de São Raimundo Nonato – Sudeste del Estado de Piauí – Brasil. In: Bryan, Alan Lyle: *New Evidence for the Pleistocene peopling of the Americas*. Center for the study of early man, Orono: 157-171, 1986.
- \_\_\_\_\_. A sequência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. *Clio*, Recife, 8:137-144, 1986.
- KERN, Arno A. *Le pecceramique du Plateau Sud-Brésilien*. Tese de Doutorado, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1981.
- MACIADO, Lília M. Cheuiche. *Análise de remanescentes humanos do sítio arqueológico Coronado, RJ. Aspectos biológicos e culturais*. Instituto de Arqueologia Brasileira, Série Monografias, Rio de Janeiro, 1, 1984.
- MIENHIN, Osvaldo F. El Altoparanaense. *Américas*, Barcelona, 17-18:171-200, 1955/6.
- MIGLIAZZA, Ernest C. Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia. In: Ghilleen T. Prance. *Biological Diversification in the Tropics*. Columbia University Press, New York, 1982.
- NIÉVES, Walter Alves. *Paleogenética dos grupos pré-históricos do Litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1984.
- PEROTA, Celso. Dados parciais sobre a arqueologia norte espírito-santense. PRONAPA 4. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 15:149-162, 1974.
- \_\_\_\_\_. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do Estado do Espírito Santo. PRONAPA 5. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 26:127-14, 1974.
- PROUS, André. Les sculptures zoomorfes du Sud Brésilien et de l'Uruguay. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, Paris, 5:1976.
- ROBRAHIN, Érika Marion. *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira do Iguape, S.P.: Os grupos ceramistas do Médio Curso*. Dissertação de Mestrado na USP, São Paulo, 1988.
- SCIMITZ, Pedro Ignácio. Indústrias líticas en el sur de Brasil. *Estudios Leopoldinenses*, São Leopoldo, 14(17):103-129, 1978.
- \_\_\_\_\_. Estratégias usadas no estudo dos caçadores do sul do Brasil. Alguns comentários. Pesquisas, São Leopoldo, *Antropologia*, São Leopoldo, 40:75-97, 1985.
- \_\_\_\_\_. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos*, São Leopoldo, 2:75-130, 1988.
- SCIMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi. Temas de Arqueologia Brasileira 1-5. *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, 5-9 (1978/79/80), 1981.
- SILVA, Sérgio Baptista da. *O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani*. Dissertação de Mestrado na UFRGS, Porto Alegre, 1988.
- SIMÕES, Mário F. Índice das fases arqueológicas brasileiras, 1950-1970. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 18, 1972.
- WÜST, Irmhild. *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás – Tentativa de análise espacial*. Dissertação de Mestrado na USP, São Paulo, 1983.